

C O N H E C I M E N T O
E N A T U R E Z A
emanuel dimas de melo pimenta
1 9 9 9 5

também conferência em
Symmetry: Natural and Artificial
Third Interdisciplinary Symmetry
Congress and Exhibition of the
International Society for the Interdisciplinary Study of Symmetry
Washington DC, United States, 1995
Conhecimento e Natureza
Emanuel Dimas de Melo Pimenta

título: CONHECIMENTO E NATUREZA
autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta
ano: 1995

Arquitectura, estética
editor: ASA Art and Technology UK Limited
© Emanuel Dimas de Melo Pimenta
© ASA Art and Technology

www.asa-art.com
www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por qualquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia e prescrita do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

Sir Herbert Read costumava afirmar que a história das palavras pode ser uma boa chave para a compreensão da história das ideias.

Essa afirmação ficou especialmente clara quando tratou das relações entre arte e biologia, traçando – num certo sentido – relações entre simetria e Natureza.

Nesse trabalho, já clássico, ele realiza um dos mais belos momentos da sua obra quando relata a profunda impressão que um menino teria exercido sobre Leon Tolstói ao revelar subterrâneas ligações entre *arte* e *crime*.

Naquele contexto, *crime* significava um processo de transformação, desencadeado por um incontrolável acto. *Arte* significava uma espécie de *artifício* cultural.

Curiosamente as palavras *natureza* e *conhecimento* lançam a mesma raiz etimológica no Indo Europeu **gne* ou **gno* que passou ao Inglês quase directamente como *to know*.

Outras palavras geradas por aquela antiga raiz **gne* foram *génesis* e *nascimento*.

Plínio ainda escreve a sua *História Natural* como sendo uma história da arte, ou do conhecimento.

A divisão simétrica entre conhecimento e Natureza parece acompanhar o processo de intensificação do uso da visão. Assim, revelando uma nova *realidade de figura e fundo*, o conhecimento parece se revelar enquanto instrumento para decodificar a Natureza, e não uma parte da própria Natureza.

Essa lógica vai surgindo pontualmente, deixando mostrar também aqui uma nítida relação com o modelo do *punctuated equilibria* formulado por Niles Elredge e Stephen Jay Gould: Heráclito, Aristóteles, Plínio, São Tomás de Aquino, Bacon, Newton, Darwin, Freud.

Em alguns casos, com personagens aparentemente contraditórios.

Heráclito defendia que a Natureza amava se esconder – uma afirmação que evidencia uma observação, em certo sentido, ainda pouco departamentalizada.

Sócrates atingiria, certamente, um dos momentos mais sensíveis do pensamento Ocidental ao questionar a natureza do próprio conhecimento, pois revelar-se-ia enquanto questionamento da natureza da própria natureza.

Mas a Grécia Antiga não diferenciava arte e técnica. Possuía apenas uma palavra para as designar: *technoi* que fundia em um único termo o sentido de *habilidade técnica* e de *arte* como excelência que excede a técnica.

Por essa via, Aristóteles fazia uma afirmação que poderia ser livremente traduzida como «o conhecimento é imitação da Natureza», cristalizando uma possível relação simétrica e especular entre ambos.

São Tomás de Aquino resgataria o pensamento de Aristóteles, conduzindo os *technoi* à *ars* e habilmente incorporando um *modus operandi* à sua afirmação. Uma contribuição que especializa a réplica especular sugerida pelo pensamento clássico.

Com a introdução da electricidade no século XX tem início uma profunda reversão sensorial e um novo modelo *trans-simétrico* toma lugar. É o que se estrutura enquanto *realidade virtual*, uma expressão *transconstrutiva*.

Essa nova tecnologia multi-sensorial leva ao aparecimento de desconcertantes afirmações para a Humanidade da primeira metade do século, mas que, certamente, não o seriam para a Antiguidade Clássica.

Por essa via, Werner Heisenberg afirmava – resgatando Emanuel Kant – que uma nova *forma* de ver o mundo revelaria novas leis da natureza, indicando uma nova natureza processual. A relação especular adquire, então, dinâmica e turbulência.

Essa nova relação é objecto de uma interessante metamorfose quando há a mutação de escala planetária através da cultura de comunicação de massa através de satélites e computadores pessoais.

Não mais se trata do animismo clássico ou do sentido tardio do *virtus* utilizado até o século XVIII como fundamento de boa parte do pensamento científico do Ocidente. Um pensamento para o qual, por exemplo, a Lua teria uma *virtude* húmida, enquanto o Sol uma *virtude* ígnea.

Virtual significa, hoje, a estruturação de poderosas redes de comunicação e informação que literalmente *formatam* relações humanas.

Essa nova *realidade virtual* instaura um modelo que poderíamos chamar *trans-simétrico*: uma combinação dinâmica de momentos simétricos, assimétricos e dissimétricos, simultaneamente.

Nos anos 1980 o Brasil manteve uma média anual de destruição florestal de cerca de trinta e seis mil quilómetros quadrados. Surpreendentemente, a Índia foi o segundo país do planeta em desflorestamentos: uma média de quinze mil quilómetros quadrados de destruição por ano. Isto significa que, apenas naqueles países, a cada dez anos, destruímos uma floresta do tamanho de um país como a Espanha!

A Europa publica, por ano, quatro vezes mais livros que a antiga União Soviética e quase seis vezes mais que os Estados Unidos.

Lenine, Agatha Christie e Walt Disney são os três autores literários mais traduzidos no mundo!

Os Estados Unidos possuem praticamente um aparelho de televisão para cada pessoa, dois aparelhos de rádio por habitante e cada duas pessoas possuem um aparelho telefónico.

No Paquistão há um aparelho de televisão para cada sessenta pessoas, um aparelho de rádio para cada treze pessoas e um telefone para cada cento e trinta pessoas!

Surpreendentemente, algumas pessoas parecem não perceber o que esses dados catastróficos – divulgados diariamente em jornais e televisões de todo o mundo – têm a ver com a formação de um modelo planetário que *redesenha* a relação entre conhecimento e Natureza.

René Berger, em *Science and Art: the New Golem*, questiona: «Se as ciências cognitivas têm um futuro, se elas representam de facto um cruzamento multidisciplinar levando a uma reestruturação de caminhos do conhecimento, ainda que com certas reservas, é necessário não apenas que a dimensão metafísica seja tomada em consideração mas que ela se torne, como uma ultradisciplinaridade, a força motriz e a finalidade do futuro».

Para António Damasio, «o delicado mecanismo de raciocínio é afectado pela emoção», alertando assim, para a nova importância da emoção enquanto parte do próprio raciocínio – uma separação, antitética e simétrica, historicamente coincidente com a referência especular entre conhecimento e Natureza.

John Cage observou essa mutação na música. Para ele tudo era parte dinâmica da própria Natureza.

John Cage e Merce Cunningham *quebraram* a relação especular de simetria imposta para música e dança durante milhares de anos, realizando na dança uma transformação certamente tão importante quanto o foi a identificação da poesia como algo independente do canto, na Grécia Antiga.

Para John Wheeler, «amanhã teremos aprendido e expressado toda a física na linguagem da informação».

Lewis Thomas dizia que sempre tivemos um bom palpite acerca de nossa origem: «do mais antigo idioma conhecido, a língua Indo Europeia, tiramos a palavra *terra* – **dghem* – e a transformamos em *húmus* e *humano*; mas também em *humilde*».

Conhecimento e Natureza virtuais.

CONHECIMENTO E NATUREZA
emanuel dimas de melo pimenta
1995